

### **Credibilidade e a redução da volatilidade**

Um dos pilares da política econômica é construir credibilidade, ganhar a confiança dos agentes econômicos. Isso reduz a volatilidade da economia e aumenta a previsibilidade, melhorando as condições de investimento do país.

No cenário atual, estamos vivendo um fortalecimento do dólar em relação a todas as moedas e as autoridades de diversos países continuam buscando reduzir os efeitos desse movimento. Nesse ponto, fortalecer o comprometimento com a busca de credibilidade é essencial para evitar fortes oscilações, minimizando os custos para o governo. A experiência dos mercados emergentes é bem diferente, em momentos turbulentos buscam surpreender, criando o cenário para a catástrofe.

O Brasil vivenciou nos últimos meses o efeito da perda de credibilidade da autoridade monetária. A postura do presidente do Banco Central em direcionar o mercado para um evento e uma semana depois mudar de posição, dificultou as coisas para o país. O mercado foi surpreendido e perdeu a confiança no Banco Central. O resultado foi uma aceleração da desvalorização do real, levando a autoridade monetária a intervir de forma mais forte no mercado, tendo que administrar a taxa de câmbio num patamar muito mais alto.

O problema não é apenas o patamar em que o câmbio foi, mas a mudança nas ordens das coisas. O mercado sinalizou que o Banco Central teria que aumentar sua oferta de Swap, e assim foi feito. O resultado foi uma forte queda no preço da moeda estrangeira no primeiro dia, mas já retomamos a trajetória de alta novamente. O mercado sinalizou que o Banco Central terá que usar reservas e fazer leilões de linha, e a autoridade sinalizou que poderia usar dessas opções. Ou seja, o mercado está guiando as ações, o que tem impacto direto na condução da política monetária e nos custos das operações para o país.

O nosso cenário ainda pode ficar mais pressionado com o início da corrida eleitoral, com uma Banco Central fragilizado. A volatilidade não diminuiu, mas a previsibilidade sim, reduzindo imediatamente o apetite por investimento no país. Isso tem impacto no crescimento da economia e numa possível melhora social.

O Brasil precisa aprender que conquistar credibilidade é um exercício diário de comprometimento com trabalho sério. Para perder isso, só precisa um segundo.

## **Análise Macroeconômica**

Os EUA seguem mostrando fortes dados econômicos, níveis de desemprego em mínimos históricos e uma inflação até o momento dentro dos limites. O Banco Central tem buscado afinar sua comunicação com o mercado, sinalizando os principais indicadores e mantendo os investidores atentos à trajetória da política monetária. A parte política do país é que tem tido maiores efeitos no mercado criando muitas incertezas. Ao longo do mês, as negociações comerciais com a China estavam caminhando bem para um acordo, com sinalizações positivas de ambos os lados. Mas a decisão mudou no fim do mês e foi mais um choque para o mercado. O mesmo aconteceu em relação às negociações com a Coreia do Norte, mas no fim foi mantida a reunião. As conversas com parceiros do Nafta e União Europeia também sofreram uma reviravolta no fim do mês na questão do aço e alumínio. Tudo isso causa incerteza e desconforto aos investidores.

A Europa segue um período de desaceleração do crescimento e inflação segue baixa. O nível de desemprego vem melhorando nas principais economias, o que vem sendo bastante positivo para a manutenção da retomada. A forte desvalorização do euro nos últimos dois meses terá um efeito benéfico para as principais economias da região, o que tende a melhorar o ciclo. Os investidores seguem atentos ao BCE no próximo mês, na expectativa da sinalização do fim do QE. O cenário político continua complicado no velho continente, tendo de volta ao cenário Itália e Espanha. A Itália conseguiu formar um governo com junção de dois partidos contra união europeia, com propostas que aumentam a dívida pública do país. Os investidores não se sentiram confortáveis e o mercado de capitais sentiu bastante. A Espanha teve a queda do conservador Rajoy de primeiro ministro, o que criou dúvidas em relação a postura do país no que se refere a comunidade europeia.

A Ásia segue a expectativa das discussões políticas entre China e EUA, além da situação Coreia do Sul e Coreia do Norte. As conversas sobre o acordo comercial têm sido muito difíceis, visto que a imposição de alguns limites por uma das partes tem minado o desenvolvimento do assunto. Isso acarreta no aumento das incertezas em relação ao nível de negócios no mundo e impacta diretamente os países asiáticos. A respeito da relação entre a Coreia do Sul e do Norte, a reunião de junho chegou a ser desmarcada devido ao agendamento de exercícios militares da Coreia do Sul em parceria com os EUA. A reunião foi mantida e segue com bastante expectativa.

A América Latina apresentou três eventos importantes no mês. A Argentina pediu ajuda ao FMI depois de uma saída forte de moeda do país. A Venezuela teve eleições sendo reeleito Maduro. O resultado não foi reconhecido por diversos países, que além do resultado questionam medidas para acabar com uma crise humanitária no país. O Brasil sofreu com a greve de caminhoneiros que levou ao desabastecimento do país. Além disso, a maior economia da região caminha para um processo eleitoral bastante conturbado com diversas dificuldades econômicas.

O cenário segue bastante turbulento e com níveis crescentes de incertezas. Mas após a tormenta vem a calma e os mercados vão se acalmar para esse ano.